



ANO 45 - ABRIL A JUNHO 2007 - Nº 177

UM JANTAR INESQUECÍVEL

Durante o jantar oferecido ao Senhor Jesus por Simão, um fariseu, (Lucas 7:36-50) surgiu um dos diálogos mais surpreendentes entre eles, com lições profundas para todas as pessoas.

O fariseu displicente abandonou as mais elementares regras de uma recepção, dando oportunidade a “uma mulher da cidade, pecadora”, de demonstrar de forma exemplar as belezas de uma recepção à altura do convidado, Jesus.

Tudo o que ela fez naquele jantar fugiu da normalidade. Ao contrário de Simão, que nada fez, e que se tivesse feito, faria tão somente por mera formalidade. Seria uma recepção formal e fria. Num certo sentido foi bom que ele nada tivesse feito, pois sua omissão serviu de lição para ele e para todos os que viriam a ler este relato sem igual através dos anos.

Em uma recepção normal o visitante era recebido com uma bacia de água à porta de entrada da casa, e dependendo das posses do proprietário, um escravo lavaria os seus pés. Por certo Simão conhecia bem este procedimento, ora recebendo amigos em sua

casa, ora sendo-lhe oferecido água para os seus pés em casas onde fora convidado.

Neste dia, portanto, sua recepção foi fria. Uma mulher da cidade, pecadora, foi o instrumento usado para apontar suas falhas.

Simão não ofereceu água. Embora fosse atencioso para com Jesus promovendo-lhe um jantar, descuidou-se em servi-lhe água para refrescar seus pés. A poeira das estradas, o desconforto do suor produzido pelo calor não foram suficientes para mover o coração do fariseu. Tratou-o com desprezo.

O comportamento do fariseu nos leva a pensar no formalismo de muitas pessoas que desejam a presença de Jesus em seus corações, mas que o tratam com desconfiança e desdém. Desejam extrair o máximo de Jesus, mas não querem oferecer o mínimo. Desejam a Cristo, mas recusam ofertar-lhe as honrarias que merece.

A mulher pecadora, pela narrativa exclusiva de Lucas, por certo alcançara o perdão de seus pecados. Ouviu o convite terno de Jesus: **“Vinde a mim, todos os que estais cansados e**

oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). Arrependeu-se e abandonou sua vida de pecado.

Assim como o fariseu, muitos hoje desejam a companhia de Jesus sem passar pela experiência de uma nova vida, sem provar as belezas do perdão, sem conhecer as ternas misericórdias de um Deus Salvador.

A mulher pecadora não trazia um cântaro com água, e sim um coração profundamente agradecido. Entrou na casa do fariseu, e de mansinho aproximou-se de Jesus, bem perto dos seus pés que foram regados com suas lágrimas. A água do poço do fariseu que nem sequer fora tirada, perdeu sua utilidade. As lágrimas da mulher jorravam da fonte do seu coração e desciam aos pés de Jesus que eram beijados incessantemente.

Jamais alguém recepcionou um visitante trocando a água da cisterna pelas lágrimas dos olhos. O fariseu por certo nunca presenciara uma cena igual a esta. Bem à sua frente estava uma mulher desprezível segundo sua avaliação.

Entretanto, a água que Simão não oferecera a Jesus eram as lágrimas da mulher e a toalha de linho que o fariseu deixou bem guardada eram os cabelos da mulher.

O fariseu não saudou a Jesus com o beijo hospitaleiro tão comum naqueles tempos, e ainda usado por alguns povos em nossos dias. O beijo na face que o fariseu não deu, foi dado pela mulher nos pés de Jesus.

Mais uma vez a anormalidade em seus gestos nos espanta: lágrimas em lugar de água; cabelos em lugar de toalha, beijos nos pés em lugar do rosto.

Havia mais um ingrediente nesta manifestação de amor da mulher. A

unção que o fariseu não fez. A unção da cabeça com óleo para refrescar. Talvez esta fosse a última parte da saudação, quando os visitantes reclinavam-se à mesa para a refeição. O fariseu falhou em cada uma dessas atitudes cordiais, tratando o Senhor Jesus como qualquer pessoa de suas relações.

Em lugar do óleo extraído da oliveira, comum em todas as casas naqueles tempos, e na casa do fariseu, a mulher fez uso de unguento que fora guardado em um vaso de alabastro. O valor do óleo de oliveira para o fariseu seria insignificante, ao passo que o unguento usado pela mulher foi extremamente caro.

Enquanto a mulher se deliciava aos pés de Jesus, honrando-o com seus beijos e suas lágrimas e ungindo sua cabeça com o unguento precioso, o fariseu nutria seus pensamentos em desabono às qualidades de profeta do Senhor Jesus. **"Se este fosse profeta, saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é pecadora"** (7:39).

O fariseu viu tão somente o mal na mulher, sua vida de pecado, sua péssima reputação, julgando-se superior com um caráter sem qualquer nódoa. Mediu o comportamento da mulher usando sua vida como padrão, e daí resultou todo o seu engano.

À luz das palavras de Jesus, seu caráter foi exposto, e para sua vergonha precisou ouvir a história contada dos dois devedores. **"Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Dize-a, Mestre"**, replicou Simão. A história contada por Jesus é de uma profundidade sem par, que por certo falou ao coração do insensato fariseu.

Simão acertou em cheio a questão apresentada por Jesus, após contar-lhe a história dos dois devedores perdoados.

“Qual deles, portanto, o amará mais?”
“Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou”.
“Replicou-lhe: Julgaste bem”.

E a partir do v. 44 Simão entendeu o quanto seu comportamento denunciava a frieza do seu coração.

O escritor evangélico J. C. Ryle assim comenta esta passagem: “Julgaste bem. Eis aí a razão do amor profundo que a penitente manifestou. As lágrimas copiosas, o afeto terno, a veneração pública, o ungir os pés do Senhor, tudo teve origem na mesma causa: muito lhe fora perdoado, portanto amava a quem a perdoara. O amor foi o efeito do perdão, e não a causa; a consequência e não a condição; o resultado e não o motivo; o fruto e não a raiz. Queria o fariseu saber por que a mulher manifestara tanto amor? Era porque a ela muito fora perdoado. Queria saber por que ele

mostrara tão pouco amor ao convidado? Porque não devia nada ao convidado; não tinha convicção íntima de haver obtido perdão; não se julgava devedor a Cristo” (*Comentário Ev. São Lucas*).

Ao encerrarmos estes breves pensamentos, que nosso coração possa arder como o coração daquela mulher, pois fomos perdoados da multidão dos nossos pecados e fomos levantados com braço forte – o braço do Senhor. **“... E a quem se manifestou o braço do SENHOR?”** (Isaías 53:1).

Que possamos oferecer nossa adoração àquele que nos perdoou, quebrando os nossos corações diante de seus pés, para que o bom perfume de nossa gratidão e de nosso amor por Cristo exalem de nossas vidas. A Cristo seja toda honra e glória.

Orlando Arraz Maz

AS PROMESSAS DE DEUS

Aos obedientes

A obediência é um ato ou efeito resultante da submissão à vontade de outrem. Quem obedece faz o que outro manda, independentemente da sua própria vontade.

O pecado original de Adão e Eva foi desobedecer à vontade de Deus. Não foi preciso um código de leis para medir o seu pecado. Bastou um ato simples de desobediência para perderem a comunhão que gozavam com Deus, a sua vida espiritual.

Vemos assim a importância que Deus dá à obediência, tanto que, para restabelecer a comunhão, foi necessário enviar seu próprio Filho unigênito ao mundo para dar a Sua vida. Ele, em tudo, *“foi obediente ao Pai até à morte, e morte de cruz”* (Filipenses 2:8).

Assim, *“como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um, muitos serão feitos justos”* (Romanos 5:19).

Todos os que são salvos pela graça de Deus mediante a fé no Senhor Jesus Cristo são os *“eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo”* (1ª Pedro 1:2).

Justificado pela obediência de Jesus Cristo ao Deus Pai, o crente prova que permanece nele mediante a sua própria obediência a Deus, para a qual foi eleito por Ele: *“Se alguém obedece à sua palavra, nele verdadeiramente o amor de Deus está aperfeiçoado.*

Desta forma sabemos que estamos nele: aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou" (1ª João 2:5,6, NVI).

A obediência supõe sempre a existência de uma alternativa que será rejeitada. O crente prova ser obediente quando escolhe fazer o que Deus ordena, mesmo nos casos em que ele preferiria fazer algo diferente.

Um exemplo, dos mais extremos, foi a situação em que Abraão se encontrou, quando o SENHOR ordenou que sacrificasse o seu filho da promessa, Isaque, como holocausto. Seria um ato incompreensível para Abraão, mas a sua fé na palavra de Deus era tal que não hesitou em obedecer. Sua fé provou ser bem fundada, pois Deus suspendeu o sacrifício no último momento, e proveu o cordeiro para o holocausto, mas *"Abraão considerou que Deus era poderoso para até dentre os mortos o ressuscitar"* (Hebreus 11:18).

Deus mostrou compaixão pelos descendentes de Abraão, tirando-os da escravidão do Egito, fazendo deles Seu próprio povo, uma nação com a sua própria terra, e antes de lhes dar a sua lei, prometeu: *"faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos"* (Êxodo 20:6).

A palavra "misericórdia" aparece 157 vezes na Bíblia, quase sempre se referindo à que é procedente de Deus, e o rei Davi testemunhou: *"Todas as veredas do SENHOR são misericórdia e verdade para aqueles que guardam a sua aliança e os seus testemunhos"* (Salmo 25:10). Davi teve muita experiência da misericórdia de Deus em sua vida.

Depois de dar a lei de Deus ao

povo, Moisés declarou solenemente que punha diante deles *"a bênção e a maldição: a bênção, quando cumprirdes os mandamentos do SENHOR vosso Deus, que hoje vos mando; porém a maldição, se não cumprirdes os mandamentos do SENHOR vosso Deus, e vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno, para seguides outros deuses que não conhecestes."* (Deuteronômio 11:26-28).

A obediência a Deus é requisito essencial para usufruir da Sua bênção. O Senhor Jesus confirmou essa realidade ao mesmo tempo que condenou de maneira sumária os que tanto veneram Maria. Quando uma mulher da multidão exclamou, referindo-se a ela: *"Feliz é a mulher que te deu à luz e te amamentou"* o Senhor imediatamente a corrigiu, dizendo: *"Antes, felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e lhe obedecem"* (Lucas 11:27, 28 - NVI).

Tiago, um irmão do Senhor por parte de Maria, declarou: *"Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos ... O homem que observa atentamente a lei perfeita, que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer"* (Tiago 1:22 e 25 - NVI). A felicidade acompanha os que obedecem aos preceitos de Deus.

Em outra ocasião, *"a multidão estava assentada ao redor dele, e disseram-lhe: 'Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram, e estão lá fora'. E ele lhes respondeu, dizendo: 'Quem é minha mãe e meus irmãos?' E, olhando em redor para os que estavam assentados junto dele, disse:*

'Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Porquanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe' (Marcos 3:32-35). Segundo essa promessa, somente quem for obediente a Deus tem o privilégio extraordinário de entrar no círculo familiar do Senhor Jesus Cristo, de nada importando sua vinculação natural.

E não somente isso! O Senhor Jesus também prometeu: "Se alguém me ama, obedecerá à minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele

e faremos morada nele." (João 14:23 - NVI). Ser a morada de Deus é ser o Seu templo, como Paulo nos informa em 1ª Coríntios 3:16, 17.

Sem dúvida Deus se deleita com a obediência que Lhe é dada, acima de qualquer outro tributo ou demonstração de reverência que Lhe seja feito. Obediência voluntária, abnegação e piedade é nossa maior prova de amor. As melhores promessas são para os obedientes.

R. David Jones

DIREITO DE DEUS SOBRE O CRENTE

3 - Os direitos de Deus sobre o "nosso" tempo

Um bom princípio da vida cristã é o reconhecimento de que Deus é o Senhor do tempo, e que a sua administração deve ser da responsabilidade de Deus. "Os meus tempos estão nas tuas mãos," já dizia o salmista (Sl 31:15). Este princípio não é mais que a aceitação de que Deus tem todo o direito de usar-nos no tempo e durante todo o tempo da nossa vida, porque somos propriedade exclusiva sua, na qualidade de Povo adquirido. (1ª Pedro 2:9)

O tempo é uma dimensão que não conseguimos alterar porque a lei do tempo está determinada pelo Criador desta mesma dimensão. Assim, quando não conseguimos fazer todas as coisas desejadas no tempo que queremos ter, o problema não está no tempo. O tempo não foge de nós.

Diz um ditado que "O tempo é dinheiro, logo devemos gastá-lo sabiamente". É uma expressão figurativa do valor que o tempo deve ter na vida e nas decisões de cada um. Sempre temos o tempo à "nossa mão" e vivemos nele. O grande problema que ocorre

muitas vezes é que realizamos no tempo muitas atividades de maneira incorreta porque não são decididas e orientadas por Aquele que é conhecedor e Criador do tempo.

Outros ditados referem que "O tempo voa" e "Não tenho tempo" são expressões comuns aos que realizam serviços e não conseguem executá-los no tempo disponível. A razão é simples: O serviço pretendido não foi norteado e planejado para o tempo disponível.

A Palavra de Deus é bem explícita quando diz que o tempo é suficiente para cada atividade debaixo do Céu: "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou. Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar. Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar. Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar. Tempo de buscar,

e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora. Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar. Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz (Ec 3:1-8).

Este conceito bíblico acerca do tempo relaciona-se não só com aspectos temporais, mas também com aspectos eternos da vida humana.

A vida humana é temporal. Isto é, limitada ao tempo (Sl 90:3-10), por isso o tempo da nossa vida na terra é precioso e precisa ser bem administrado. No entanto após a morte do corpo o espírito volta a Deus que o deu (Ec 12:7) e a vida eterna não é mais limitada no tempo, no entanto aquilo que foi usado com o tempo e no tempo sobre a terra tem repercussões na eternidade.

A vida humana não se restringe só a respirar, comer, beber, dormir, trabalhar e mover-se sobre a Terra. É mais, muito mais que isso. "Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestido?" (Mt 6:25). Pelas palavras de Jesus podemos inferir que tudo quanto se refere à vida espiritual tem um valor acrescentado para a eternidade que se aproxima.

Como podemos administrar o tempo reconhecendo que Deus tem todo o direito sobre ele?

No trabalho secular. Após a queda de Eva e Adão no Jardim do Éden e uma vez expulsos dele, o homem teve que mudar de atividade, passando do privilegiado governador do alimento existente, para lavrador da terra a fim de angariar o seu alimento e o da sua família (Gn 3:17-19).

O tempo é necessário para a realização do trabalho. Mas o crente não deve ser escravo do trabalho. Muitos trabalham demasiado para alcançar

riquezas e muitos bens materiais na terra. Usam tempo que devia ser dedicado ao Senhor. Procuram tesouros que não servem para ser armazenados no céu (Mt 6:19-20). São bens sem qualquer valor. A eternidade provará que foi trabalho em vão e perdidas boas oportunidades do uso desse tempo em atividade de glorificação do Criador. O Senhor deve estar no primeiro lugar em relação ao trabalho.

No lazer. Há conceitos errados acerca do lazer na vida do crente. Há aqueles que são frontalmente contrários a qualquer tipo de lazer. O crente em Cristo não é mais escravo do pecado. Ele é livre para viver; não só livre para a vida espiritual, mas também para gozar os benefícios da natureza criada, para compartilhar horas felizes com os seus e com outros e assim tornar-se mais agradável para o próximo e para si mesmo. Este tempo deve ser gerido na vontade do Senhor, sabendo que todas as coisas nos são lícitas, mas nem todas convém (1ª Co 6.12).

Na família. A nossa sociedade dá muito pouco valor ao relacionamento familiar. Muitos cristãos também incorrem no erro de dar pouca atenção e tempo à vida familiar esquecendo que a família é uma instituição de Deus (Gn 2:24). A família necessita de espaço para incrementar o nome e o poder de Deus em cada serviço e em cada conversação. Devemos usar todo o tempo na aprendizagem de que Deus tem direito à primazia. Esta primazia incentiva-nos a ter um tempo devocional com Deus. A gostar de orar e a meditar nos conselhos, admoestações e mandamentos divinos.

Na Igreja local. A Bíblia aconselha a que crescamos "na graça e no conhecimento" (2ª Pe 3:18). A robustez

da nossa vida espiritual está em saber separar tempo para dedicar exclusivamente à comunhão com os irmãos que professam a mesma fé. Precisamos de tempo para a oração coletiva, meio pelo qual mantemos comunhão com Deus e com os irmãos. Tempo para as atividades da igreja local (Hb 10:24-25). É importante o tempo usado na meditação da Palavra de Deus e na audição dessa mesma Palavra porque assim ganhamos fé sobre fé sendo mais fortes na verdade de Deus e na sua vontade em relação a cada espaço de tempo que vivemos sobre a terra (Rm 10.17). Devemos gastar tempo no uso dos dons espirituais que Deus nos tem concedido. Também devemos utilizar tempo na comunicação dos talentos naturais que Deus nos tem

presenteado. Tudo para Glória de Deus e de seu Filho amado Jesus (Cl 3.17).

Em conclusão recordemos que o tempo não é ilimitado para a vida humana. Deve ser gerido bem. Como sabemos que somos fracos para alcançar sucesso nesta área, o melhor é depositarmos nas mãos de Deus toda a nossa vida para que Ele nos dê as decisões sábias em todo o tempo.

Não esqueçamos que o tempo passado jamais será recuperado. O dinheiro pode ser acumulado e gerido conforme a sua quantidade, mas o tempo para nós está constantemente a diminuir. Logo ele é precioso e não pode ser desperdiçado. Só Deus pode ajudarnos a gastá-lo bem.

Samuel Pereira

SALMOS MESSIÂNICOS

Conclusão do Salmo 24

2) O conquistador entra na cidade e no santuário (7-10)

A era da igreja e o arrebatamento não fazem parte do Salmo 24. A base profética do Salmo é apocalíptica (4-19). O arrebatamento já ocorreu, bem como o período de sete anos, o início das dores (Mt 24:8) e a grande tribulação (Mt 24:21). O clímax é o aparecimento em glória do Messias, quando ele trata com seus inimigos na batalha do Armagedom, e se revela à nação de Israel, que até esse ponto rejeitou as suas reivindicações como o Messias. Uma vez restaurados, juntam-se ao vitorioso cortejo.

As duas últimas profecias messiânicas do AT são: “Eis aí envio o meu mensageiro” (Ml 3:1). “Mas a todos vós quem temeis o meu nome nascerá o sol da Justiça” (Ml 4:2).

Na segunda parte do Salmo 24 temos o cumprimento dessas grandes

profecias.

Após a estrondosa vitória no Armagedom – a libertação de Israel, seu arrependimento e conversão, o conquistador e seu séquito se aproximam das portas da cidade de Jerusalém. Elas estão trancadas e travadas contra o inimigo. O arauto proclama: “Levantai-vos, ó portais, as vossas cabeças para que entre o Rei da Glória”. A pergunta que ecoa por detrás dos muros é: “Quem é esse Rei da Glória?”. Vem então a resposta do arauto: “O Senhor forte e poderoso, o Senhor poderoso nas batalhas”. Há três batalhas que Ele conquistou:

- Contra Satanás na tentação no deserto;
- Contra as hostes do inferno na cruz;
- Contra os inimigos de Deus no Armagedom.

Então as portas são escancaradas e Ele entra para ocupar a cidade e o palácio real.

Novamente o cortejo se dirige para o local do templo. Foi nesse exato lugar que Ele foi rejeitado quando da sua primeira vinda, manso e assentado sobre um jumento. Agora Ele chega cavalgando em um cavalo branco e o mensageiro da aliança repentinamente vem ao seu templo.

Mais uma vez se ouve o desafio do arauto: "Levantai, ó portas, as vossas cabeças, levantai-vos, ó portais, eternos para que entre o Rei da Glória". E a pergunta que vem de dentro do santuário é: "Quem é esse Rei da Glória?" A resposta majestosa ecoa: "O Senhor dos exércitos (Jeová Sabaoth), Ele é o Rei da glória!". Esse é o termo usado em Isaías 6:5 para quem ocupa o trono no templo. Isaías proclama: "Meus

olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos". Em seguida o Rei entra e toma posse do templo. O templo e o monte são ocupados pelo Rei da Glória.

Quando do seu primeiro advento em humilhação, o Senhor foi designado "Rei dos Judeus". Esse foi um título de rejeição. Quando Ele se manifestar no milênio será aclamado como Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Mas em relação ao seu povo, Ele é o Rei da Glória. Ele será um Rei-Sacerdote, pois "assentar-se-á no seu trono e dominará, e será sacerdote no seu trono. E reinará perfeita união entre ambos os ofícios" (Zc 6:12, 13).

T. E. Wilson
Trad. Myrtle King

O PASSO MAIOR QUE A PERNA (2)

"Dai, pois, a César o que é de César" (Mateus 22:21)

Era a última semana de entrega da declaração do imposto de renda. Como a tradição brasileira é deixar para os últimos dias o cumprimento dessa obrigação fiscal, naqueles dias que antecedem a entrega é grande a agitação e a lamúria por parte daqueles que têm que ajustar suas contas com o fisco.

Foi num desses dias que me deparei, ao sair do elevador no edifício onde eu trabalhava, com uma figura diferente, não só pelo seu trajar, todo de branco, como pelo semblante de uma pessoa extremamente desconfiada. Perguntei à recepcionista quem era aquela pessoa, tendo em vista que ali não atendíamos clientes, pois era uma área restrita do Banco.

A jovem, com um sorriso de certa forma revelador, me respondeu que se tratava do médico de um dos nossos gerentes. Pensando que alguém estivesse com problemas de saúde, me dirigi à

sala daquele gerente e o argüi a respeito. Ele de pronto me respondeu que estava tudo bem e aquela pessoa era o "profissional" que lhe vendia recibos de despesas médicas que ele usava para redução do recolhimento do imposto de renda, e fazia isso todos os anos.

Após adverti-lo, pois esse procedimento se caracteriza crime por sonegação fiscal, de imediato ele me respondeu: "Não sou somente eu, o "crentão" também compra esses recibos". Ele assim se expressou porque sabia do meu testemunho de fé. Pois bem, fui à sala do "crentão" que me confirmou que também se utilizava desse ilícito procedimento.

Quando lhe indaguei como ele se sentia, ao praticar tal coisa, diante da orientação do Senhor para que déssemos a César o que seria de César, ele estava com a resposta na ponta da língua: "Ora, irmão, eu cumpro com aquilo que o Senhor Jesus determinou

dando a César o que é de César... desde que César venha buscar". Sem dúvida um acréscimo infame à Palavra de Deus. Ele jogava com a alternativa de que o fisco não estaria aparelhado suficientemente para pegar essas falcaturas, ainda mais quando tecnicamente bem montadas.

Passados alguns dias, após fazer a entrega da sua declaração, o "crentão" me procurou tentando se justificar que assim procedia por ser largamente sabido que o Governo fazia uma cobrança exacerbada de impostos tendo em vista que, *a priori*, o próprio Governo sabia que haveria sonegação e essa seria uma forma de compensação. Caso ele declarasse integralmente os seus ganhos o imposto complementar que teria que recolher seria extremamente abusivo. Aí ele me fez a pergunta fatal: "Você não pensa assim?"

De imediato respondi que não! Ao contrário, eu até gostaria de pagar alguns milhões de imposto renda, pois, por certo, eu teria ganhado mais de duas vezes do valor recolhido. É só uma questão de que lado se está. Em vez dele se preocupar com o quanto que recolheria ele deveria estar com as suas atenções voltadas para o quanto que lhe ficaria disponível, pois só recolhem mais imposto de renda aqueles que mais recursos angariam e se beneficiam desse ganho. Quantos há, em nosso meio, que lamentavelmente pensam da mesma maneira que esse "crentão"?

Esse acontecimento não me foi nenhuma novidade, pois num passado distante fui fortemente questionado por certos "empresários evangélicos", que não concordavam com o meu pensamento, por sinal bíblico, a respeito desse assunto. Descaradamente asseveraram que se um empresário, evangélico ou não, recolhesse todos os impostos e contabilizasse todas as receitas certamente

quebraria com a sua empresa. Ao final da conversa deixaram nas entrelinhas que eu era um tolo em pensar ao contrário.

Sabemos que não é só uma questão de ganho ou perda, mas de caráter! Partindo de um cristão não se trata somente de um crime previsto em lei, mas de um pecado perante Deus, pois se não bastasse o Senhor Jesus determinar que devemos cumprir com as nossas obrigações fiscais, a Palavra de Deus nos revela que devemos ser submissos às autoridades, mesmo que em nosso íntimo não concordemos com elas, tendo em vista que elas são constituídas por Deus. Pensar-se ao contrário não se limita a dar "o passo maior que a perna", mas "passar a perna" em alguém instituído por Deus.

O saudoso irmão W. Paulo Jones era um inconformado com essa atitude e através da sua empresa de consultoria ele procurava demonstrar aos seus clientes, principalmente aos "empresários evangélicos", que acima do crime fiscal está a ética cristã que deverá reger, também, os negócios empresariais. Ele definia bem o que seria isso: "Ética cristã nos negócios é o conjunto de valores morais e princípios ideais que os cristãos devem observar no exercício de uma profissão ou no desenvolvimento de seus negócios".

Não foram poucas as vezes que ele foi tristemente ridicularizado por pensar em princípios e valores morais nos negócios, inclusive por pessoas cristãs do nosso meio, que até exerciam liderança em igrejas locais. Aliás, eu não poderia deixar de revelar a minha estupefação quando em certa ocasião um presbítero me disse com todas as letras que "imposto não é para ser pago, pois mais à frente o Governo lança uma anistia perdendo os sonegadores". Valha-me Deus! O pior é que ele tinha "cara de santo" e era tido como tal no seio da igreja local.

Se não bastasse a clara determinação

do Senhor Jesus com respeito ao cumprimento das nossas obrigações fiscais, o apóstolo Paulo aborda o mesmo assunto com intensa clareza e inspiração: *"Pagais a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra. A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor"* (Romanos.13:7-8). Paulo assim escrevia por revelação do Espírito a fim de que todos estivessem sujeitos às autoridades superiores, porque não há autoridade que não proceda de Deus. Portanto, queiramos ou não, as autoridades existentes foram instituídas por Deus e aquele que se opõe às autoridades resiste à ordenação de Deus (Romanos 13:1-5).

Muitas são as justificativas para que os tributos não sejam recolhidos aos cofres públicos, e a mais usada pelos sonegadores, quer sejam cristãos ou não, é a de não concordarem com os governantes eleitos por serem corruptos ou

incompetentes, dentre outras adjetivações. Não é isso que Paulo nos diz, ao contrário: *"visto que a autoridade é ministro de Deus... é necessário que lhe estejais sujeitos... por esse motivo também pagais tributos, porque são ministros de Deus"* (Romanos 13:4, 5, 6). Sobre este assunto sugiro a leitura da excelente matéria do irmão R. David Jones, "O Respeito Devido às Autoridades Políticas", publicada em Fatos & Relatos no Boletim dos Obreiros 111, de abril de 2007, que também está disponibilizada no site www.obreiros.com.

Por inferência, irmãos, quem sonega tributo a um mandatário de Deus, como são os governantes, logo está passando a "perna em Deus", não somente nas autoridades. Pense nisso! Evitemos dar "o passo maior que a perna", também nessas coisas. Permita Deus que assim seja! Na próxima edição falaremos sobre os "caloteiros cristãos".

José Carlos Jacintho de Campos

BARNABÉ (1) - EXISTE UM VALOR ESCONDIDO EM UM NOME?

Este é o primeiro de quatro pequenos estudos sobre a vida de Barnabé. "Barnabé" (significa 'encorajador') era um apelido que lhe foi dado pelos apóstolos, descrevendo o tipo de homem que era (At 4:36). Todos se sentiram melhor depois de conhecer Barnabé; eram encorajados e enaltecidos na presença dele.

Encorajar os nossos irmãos é um ministério vital, porque todos nós temos problemas, e precisamos chegar perto um do outro e dar qualquer tipo de amparo necessário.

A Bíblia mostra o ministério de encorajamento e conforto sendo exercitado em várias circunstâncias, por exemplo:

Entre novos crentes (1ª Ts 2:10-12) *"Vós e Deus sois testemunhas de quão santa... nos houvermos para convosco, ... exortávamos para que vos conduzísseis dignamente para com Deus"*.

Devemos animar os irmãos a crescer, não apenas contando como devem viver, mas também o **exemplo** da nossa própria piedade.

Para com irmãos desviados (2ª Co 2:6-8) *"Basta-lhe ao tal esta repreensão feita por muitos. De maneira que pelo contrário deveis antes perdoar-lhe e consolá-lo... confirmeis para com ele o vosso amor"*.

O propósito da disciplina não é banir uma pessoa da igreja para sempre, mas trazê-la ao arrependimento, para que ela possa ser restaurada à comunhão e à saúde espiritual, e reanimada pelo **amor** dos seus irmãos.

Para com irmãos angustiados (2ª Co 7:5-7) *"... fomos atribulados; por fora combates, temores por dentro. Mas Deus... nos consolou pela vinda de Tito, e... o vosso zelo por mim"*.

Muitas vezes podemos animar

irmãos desanimados por assentar junto com eles, dando-lhe do nosso tempo, e assegurando-lhes que são preciosos e amados.

Quando a igreja em Jerusalém escrevia acerca de Barnabé, o descreveu como “o nosso amado Barnabé” (At 15:25). Todos respeitam grandes pregadores; **amam** os encorajadores. Grandes pregadores estabelecem alvos para nós em Deus. Encorajadores nos ajudam a alcançar esses alvos.

Nem todos podemos ser grandes

pregadores, porque isso depende do dom que Deus nos tem dado (1ª Co 12:29). Mas todos podemos ser encorajadores, por sermos cheios do Espírito Santo, (**o Consolador** - Jo 14:16), deixando-o Se expressar através de tudo o que dizemos e fazemos.

Um pensamento: “Mais pessoas falham por falta de encorajamento do que por qualquer outra razão” (John Blanchard).

John McQuoid

“OS DÍCÍPULOS FORAM CHAMADOS CRISTÃOS PELA PRIMEIRA VEZ EM ANTIOQUIA” At 11:26

Os discípulos em Antioquia não aplicavam o termo “Cristãos” a si mesmos, mas os outros observavam que eram diferentes: eles seguiam a Cristo, falavam dEle e O serviam, e assim demonstravam como cristãos deveriam viver!

A sua MENSAGEM - eles anunciaram o Senhor Jesus (At 11:20). Um velho pregador aconselhou um homem mais novo: “Pregue um evangelho completo, Cristo e nada menos; pregue um evangelho claro, Cristo e nada extra; pregue um evangelho puro, Cristo e nada mais”. Tal mensagem exclusiva é ofensiva num mundo pluralista que insiste que não há verdade absoluta, cada comunidade tem a sua própria versão da verdade e cada versão é válida. Seja como for, tal como os de Antioquia, devemos pregar o Senhor Jesus, afirmando que:

- Existe uma verdade absoluta, definida pelo que Deus diz: “A Tua Palavra é a verdade” (Jo 17:17).

- A nossa mensagem não é uma filosofia, mas uma Pessoa: “Eu sou ... a verdade” (Jo 14:6).

- O Senhor Jesus não é uma de muitas alternativas aceitáveis, mas “o caminho, a verdade e a vida”.

O seu COMPROMISSO - eles reconheceram o Seu Senhorio (At 11:20, 21, 23, 24; 13:2).

Note as seis referências a “o Senhor”, indicando a prontidão desses crentes de submeter-se ao Senhorio de Cristo. É assim que deve ser, porque um mestre tem o direito de mandar e um servo é responsável por obedecer. O Senhor Jesus disse: “Vós me chamais Mestre e Senhor” (Jo 13:13-14). Isso refletiu a sua experiência: eles ouviram o que Ele disse como Mestre, e O reconheceram como Senhor. Mas em seguida Ele mudou a ordem: “Se Eu, Senhor e Mestre...”. Isso mostra como deveríamos responder-Lhe. Como Mestre, devemos crer nEle; como Senhor, devemos obedecer-Lhe. Podemos escutá-LO como Mestre enquanto reservamos o direito de decidir o que fazer da Sua instrução; mas deveríamos vir a Ele como Senhor, para que, ao ouvir o que Ele tem a dizer, respondamos imediatamente em obediência.

A sua UNIDADE - eles receberam todos os crentes (At 11:20, 22, 25; 15:1).

A igreja em Antioquia originalmente era constituída de judeus, mas receberam crentes de outros países, tornaram-se acessíveis aos judeus helenísticos e receberam com alegria os gentios. Isso é consistente com o ser membro do Corpo de Cristo “Onde não há grego, nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão,

bárbaro, cita, servo ou livre” (Cl 3:11). Unidade já existe neste corpo e não devemos reconhecer qualquer corpo mais restrito, mas devemos esforçar-nos para guardar a unidade do Espírito (Ef 4:2-3).

A sua OBEDIÊNCIA - eles submeteram-se às Escrituras (At 11:26).

Em Antioquia, Barnabé e Paulo ensinaram regularmente a Palavra de Deus por um período de um ano, e os cristãos queriam ouvir e obedecer. Paulo nos avisou que haveria mudança: “pregue a Palavra... porque virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina” (2ª Tm 4:2-4). Precisamos constantemente voltar às Escrituras, ouvir o que diz e estar prontos a obedecer, mesmo quando entra em conflito com os nossos desejos, ou opiniões, ou entendimento, ou tradições, ou pressuposições.

A sua GENEROSIDADE - eles ajudaram os necessitados (At 11:28-30). Já foi dito que “O indicador mais exato do nosso estado espiritual é como controlamos dinheiro” - na maneira de procurar, ganhar, gastar, desperdiçar, economizar, amontoar, e como contribuímos. Somos encorajados a “Fazer bem a

todos, mas principalmente aos domésticos da fé” (Gl 6:10). A igreja em Antioquia assim fez ao responder às necessidades dos crentes num outro país:

- Deram espontaneamente: “Determinaram mandar socorro”.
- Deram generosamente: “Cada um conforme o que pudesse”.
- Deram propositadamente aos irmãos.

O seu EVANGELISMO - eles alcançaram os perdidos (At 11:19,20; 13:1-3)

Inicialmente os de Antioquia pregaram aos judeus, em seguida aos hele-nistas, e então os líderes na igreja responderam à chamada de Deus para separar Paulo e Barnabé para serviço numa outra esfera. Um desafio semelhante nos confronta. A população do mundo continua a crescer; a maior parte do mundo ainda precisa ouvir; temos a única mensagem que pode salvar; os trabalhadores são poucos; e a ordem do Senhor Jesus não foi abolida: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho” (Mc 16:15).

Wm. Yuille.

Extraído de Christian Missions in Many Lands, Julho/Agosto, 2005.

Trad. J. Crawford

SENDA PELO CORREIO – AVISO IMPORTANTE

Tendo em vista a devolução de muitos pacotes da Senda do Cristão pelos Correios, solicitamos aos amados leitores que nos informem a mudança de endereço, pois caso contrário seremos forçados a cancelar sua remessa. Escreva-nos para um dos endereços constantes na revista, ou pela internet.

A SENDA DO CRISTÃO

Publicação trimestral cristã, sem fins lucrativos e mantida por ofertas voluntárias.

FUNDADOR: Kenneth Jones

Sugestões e artigos devem ser encaminhados ao:

EDITOR RESPONSÁVEL: Orlando Arraz Maz

Rua Oswald de Andrade, 59 - Chácara Sergipe

Cep 09894-070 - S. Bernardo do Campo - SP

Ofertas e pedidos devem ser encaminhados ao

TESOUREIRO: James Crawford

Caixa Postal, 19 - CEP 14.600-000 - São Joaquim da Barra - SP ou

Bradesco: Agência 1500-8 - C/C 006478-5 - **Favor enviar cópia do depósito**

A SENDA DO CRISTÃO NA INTERNET <<http://www.irmaos.com/>>.